

AS CONTRIBUIÇÕES DE WINNICOTT PARA A PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL

Daiane da Rocha Keppeler¹, Rodrigo Flores Sartori²

RESUMO

Este trabalho tem a intenção de fazer uma relação entre os estudos de Winnicott e a psicomotricidade relacional. Winnicott psicanalista infantil, através de suas vivências de consultório, construiu teorias sobre o espaço potencial criado entre a mãe e o bebê, o objeto transicional que faz a função de substituição da ausência da mãe e o brincar que através da simbolização expõe as frustrações das crianças. É então que a psicomotricidade relacional vem ao encontro com das teorias de Winnicott, pois a mesma proporciona o espaço para o lúdico e para que assim o mundo simbólico da criança seja exposto e que seja possível para o bebê superar a separação de sua mãe.

Palavras-Chave: psicomotricidade; psicomotricidade relacional.

CONTRIBUTIONS TO THE WINNICOTT RELATIONAL PSYCHOMOTRICIT

ABSTRACT

The paper intends to make a connection between studies of Winnicott and relational psychomotricity. Winnicott, a psychoanalyst for children, through his experiences of practice, built theories on the potential space created between the mother and baby, the transitional object that makes the task of replacing the mother's absence and play through the symbolization that exposes the frustrations of children. It is then that the psychomotor relational meets the theories of Winnicott, because it provides space for the playful so that the symbolic world of the child is exposed and it is possible for the baby to overcome separation from his mother.

Keywords: psychomotricity; relational psychomotricity.

¹ Pós-graduanda em Psicomotricidade, PUCRS. E-mail: daí.keppeler@gmail.com

² Professor Mestre da Faculdade de Educação Física e Desporto, PUCRS. E-mail: rodrigo.sartori@puers.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscará uma aproximação entre os estudos de Winnicott e a psicomotricidade relacional. Para tal, valemo-nos de uma pesquisa bibliográfica, inicialmente trazendo os estudos de Donald Woods Winnicott sobre o brincar, o espaço potencial e o objeto transicional; traremos esclarecimentos sobre a psicomotricidade e, por fim, traremos uma discussão sobre a relação entre estes estudos e a psicomotricidade relacional.

Winnicott^{1,2,3,4} debruçou seus estudos a psicanálise e a pediatria, seus conhecimentos teóricos e práticos sobre o desenvolvimento de bebês e suas mães nos instigam a relacionar com o trabalho na psicomotricidade.

Num primeiro momento, apresentaremos a vida e trajetória de Winnicott, qual caminho ele percorreu até a construção de seus estudos e em cima disto, formar suas teorias, respeitadas até hoje dentro da psicologia e educação infantil.

Logo após, traremos suas teorias sobre espaço potencial, o objeto transicional e o brincar no desenvolvimento da criança, trazendo todo o embasamento teórico utilizado na construção das teorias de Winnicott^{1,2,3,4}.

Na seqüência, serão evidenciados esclarecimentos sobre a psicomotricidade, suas linhas de abordagem funcional e relacional, dando ênfase na psicomotricidade relacional, pois tem como sua base o brincar nas suas intervenções psicomotoras.

E por fim, abriremos uma discussão a relacionar as teorias de Winnicott com as intervenções na psicomotricidade relacional, qual a contribuição que as teorias deste autor nos trazem para que o trabalho com a psicomotricidade relacional seja enriquecido.

Este estudo tem caráter bibliográfico, baseando-se em consultas a livros e artigos científicos que relatam o assunto a ser abordado sem nenhum critério de datas ou períodos de publicações dos mesmos.

Conhecendo Winnicott

Donald Woods Winnicott nasceu na Inglaterra em 07 de abril de 1896, único filho de uma família tradicional, cresceu em torno de duas irmãs mais velhas, com pouquíssimas privações segundo os relatos de Grolnick⁵.

Clare Winnicott² viúva de Winnicott conta que foi aos 15 anos de idade, no hospital da escola, onde estudava que ele quebrou uma clavícula; neste momento consolidou a ideia de tornar-se um médico. Não queria pensar que caso ficasse doente ou viesse a se machucar, durante o resto de sua vida, Winnicott iria depender de médicos, então a saída que encontrou foi tornar-se um, embora soubesse da oposição de seu pai, que sempre acreditava que Winnicott seguiria seus passos e se tornaria também um comerciante.

Rodman⁶ aborda que Winnicott, pelo seu grande interesse pelas idéias de Darwin, o levou para Cambridge onde se formou, primeiramente, em biologia, logo após iniciou o curso de medicina e no primeiro ano de medicina serviu a marinha na I Guerra mundial e concluiu seu curso em 1920.

Sua esposa Clare Winnicott¹ revela que Winnicott, ao ler Sigmund Freud, através de um livro emprestado por um amigo foi então que ele descobriu a psicanálise, permanecendo em Londres para fazer análise. Prestou seus exames finais em medicina direcionando-se para a consultoria infantil, pois na época não existia a especialização em pediatria.

Trabalhou durante quarenta anos em um hospital infantil em Londres, onde obteve um grande reconhecimento e respeito de seus colegas em virtude de suas habilidades e interesse em desenvolvimento através dos anos, mas principalmente, na primeira infância.

Outerl⁷, sobre esta fase da vida de Winnicott, reforça que, no ano de 1923 ele iniciou sua formação em psicanálise e também começou a fazer atendimentos como pediatra em dois hospitais londrinos, onde um deles trabalhou durante quarenta anos de sua vida.

O grande número de atendimentos pediátricos, fez com que Winnicott começasse a se preocupar em como utilizar o espaço de consultas de forma que tivesse maior aproveitamento,

segundo o que explica Outerl⁷, Winnicott se dedicava para tornar sua consulta significativa; sempre se utilizando de algum objeto mesmo feito de papel para marcar aquele encontro e dando-lhe de presente para suas crianças. Sabe-se que seu gesto nunca foi rejeitado por nenhuma delas.

Outro autor que traz com mais detalhes as vivências de Winnicott com as crianças nas consultas hospitalares é Mello Filho⁸. O autor relata que foi durante estes quarenta anos de experiência no Paddington Green Children's Hospital que Winnicott desenvolveu sua enorme capacidade em lidar com crianças, utilizava-se de recursos como o “jogo do rabisco”, jogo este que, Winnicott desenvolvia, desenhando partes onde juntamente com as crianças formavam figuras que iam se sucedendo.

Mello Filho⁸ revela que Winnicott contribuiu muito para o desenvolvimento da pediatria, principalmente na Inglaterra, já que, quando ele iniciou seu trabalho com as crianças, a pediatria ainda não era uma especialidade médica estabelecida. Seu grande número de atendimentos que se registra por volta de sessenta mil consultas, com crianças e familiares, até o fim da sua vida, foi de suma importância para construção de suas teorias e trabalhos analíticos.

Winnicott revolucionou a pediatria clássica, atrevendo-se a dizer, através de suas experiências, que a causa principal que levava as crianças nos consultório é a ansiedade e depressão de suas próprias mães, segundo relatos de Mello Filho⁸.

Winnicott faleceu no dia 28 de janeiro de 1971 com 74 anos de idade, em consequência de um ataque cardíaco, deixando através de suas experiências de consultório e múltiplos estudos de casos de seus pacientes, suas teorias sobre a dupla mãe-bebê.

Conhecendo os estudos de Winnicott

A trajetória de vida de Winnicott, suas vivências de consultório são uns dos grandes responsáveis pela construção de suas teorias um grande exemplo disto é exploração da importância do brincar no desenvolvimento da criança.

Para Winnicott⁴, o brincar é universal; facilita o crescimento, insere a criança aos relacionamentos grupais, podendo se tornar uma forma de comunicação. Assim, ilustrá-lo se torna dificilmente necessário, por ser tão óbvio. O autor obteve outros significados para o brincar, através dos estudos sobre os espaços potenciais e os objetos transicionais; estudos estes resultado da própria experiência psicanalítica do autor.

Interpretando o pensamento de Winnicott sobre este assunto, Davis e Wallbridge⁹ conceituam o espaço potencial como sendo o lugar onde o brincar se desenrola. Este espaço é de suma importância para que as relações afetivas interpessoais da criança, tornam-se possíveis e o terapeuta tem que estar preparado para o brincar, para que assim o ensino-aprendizagem seja proveitoso.

Este espaço potencial também pode ser caracterizado pelo espaço que existe entre a mãe e o bebê. Winnicott⁴ esclarece que, a figura materna e o bebê podem proporcionar muitas variáveis de espaço potencial de acordo o mundo interno e a realidade externa que os rodeiam.

Mello Filho (p. 60)⁸ interpretou o pensamento de Winnicott:

A área entre o bebê e a mãe, onde se passam estas experiências, Winnicott deu o nome de espaço potencial, que cresce e se alarga cada vez mais para conter, no futuro, toda a riqueza de nossa vida criativa e cultural, os hobbies, a religião, as atividades científicas, a arte, o lazer, as nossas ideologias.

Ogden¹⁰ conceitua o espaço potencial, como uma das mais importantes ideias introduzidas por Winnicott, ideia de que o espaço potencial é um termo que ele utilizou para mencionar uma área intermediária do experienciar que situa-se entre a fantasia e a realidade.

A possibilidade psíquica de suportar a ausência da mãe e encontrar algo da realidade, usando a capacidade imaginativa é assim que Parente (s/d) compreende, a teoria de Winnicott sobre o espaço potencial. E também destaca: “O que Winnicott salienta é a importância do fenômeno da ilusão como possibilidade de o bebê poder lidar com o vazio e suportar a presença

de uma ausência.” Segundo Parente (s/d, p. 25)¹¹, temos então, a entrada no campo dos objetos e fenômenos transicionais.

Mello Filho⁸ relata que Winnicott, durante uma observação corriqueira de suas experiências com crianças, destacou que quando dormem, as mesmas costumam chupar o dedo, agarrar-se a um brinquedo, acariciar lençóis e fronhas, associando estes gestos à ansiedade da separação da figura da mãe, normalmente na fase do desmame.

Também reforçando a teoria dos fenômenos e objetos transicionais de Winnicott, Davis e Wallbridge⁹, expõe que se estudarmos qualquer bebê, veremos ele emergir em algum fenômeno, talvez numa capa de lã ou um canto de lençol ou cobertor que o bebê utiliza para adormecer, ou até mesmo uma melodia tem importância na defesa do bebê contra a ansiedade.

Qualquer tipo de objeto encontrado e usado pelo bebê, Winnicott⁴ chama de objeto transicional, que é de suma importância para o bebê, onde até mesmo os pais sabem desta importância, admitindo que o bebê carregue-o sempre, como por exemplo, em uma viagem. A mãe por sua vez permite que permaneça sujo para que não aconteça uma ruptura de continuidade na experiência do bebê, para que assim o objeto não perca seu significado e valor.

Winnicott⁴ sugere que, estes fenômenos e objetos transicionais aparecem em torno de quatro e seis aos oito e dozes meses de idade, podendo permanecer durante a infância, sendo importante para a criança, a presença do objeto transicional na hora de dormir, em momentos de solidão ou depressão.

Analisando os objetos transicionais de Winnicott, Grolnick⁵ evidencia que tendem a ser macios e capazes de serem acariciados, remetendo a lembrança de ser confortado, agarrado e alimentado, mas o que seria o mais importante para o bebê, é ter um companheiro de brincadeiras; foi então que Winnicott notou que os objetos transicionais são de suma importância para o desenvolvimento do bebê.

O objeto transicional, segundo Winnicott⁴, representa para o bebê a separação de sua mãe; deixa o estado fundido com o outro, desmanchando a unidade mãe-bebê e passando para um estado de relação com algo externo e separado. Partindo de seus estudos sobre os fenômenos transicionais, foi que Winnicott⁴ construiu um novo colorido ao significado do brincar e ressalta que: “para controlar o que está fora, há que fazer coisas, não simplesmente pensar ou desejar, e fazer coisas toma tempo. Brincar é fazer.” (p.63).

A facilidade com que a criança inventa brincadeiras e é capaz de encontrar objetos é explicitada por Winnicott³, todas as brincadeiras físicas ou emocionais proporcionam, para a criança, momentos de muito prazer, podendo ser usado como uma ferramenta de escoamento de ódio, agressão e até mesmo angústias.

É através das brincadeiras ou das fantasias que a criança adquire experiências, sendo evidente sua criatividade, com contribuições de outras crianças e de adultos também. Winnicott³ relata que, primeiro a criança brinca com sua mãe ou sozinha e é por intermédio das brincadeiras que outras crianças são permitidas a participarem de seu mundo.

Mello Filho⁸ ao organizar o pensamento de Winnicott, sobre este processo do brincar relata: “do brincar com a mãe (usar), através da alucinação, a criança passa pelo estágio dos fenômenos transicionais e chega a brincar realmente com alguém, ao brincar compartilhado, quando há superposição de duas áreas de jogo.” (p.60)

O brincar de Winnicott analisado por Davis e Wallbridge⁹ nos traz o fato de que o brincar é a extensão dos fenômenos transicionais pertencentes ao espaço potencial da criança com o ambiente, pois é neste espaço potencial que o brincar se desenrola.

Winnicott avalia que a confiança nascida no bebê no momento da separação da sua mãe é adquirida com o brincar, segundo Pelento¹², sendo neste espaço de brinquedo que começamos a descobrir a criança e a criança a se auto-descobrir.

Conhecendo a psicomotricidade

O termo psicomotricidade foi mencionado pela primeira vez por Dupré, no começo do século XX, na França, como uma ciência que estuda o corpo em movimento, o homem e suas

relações com seu mundo interno e externo.

Alves¹³ define a psicomotricidade como toda a ação que o indivíduo realiza, representando suas necessidades e que permite sua relação com os demais. De forma resumida, apresenta-a como uma integração entre psiquismo e motricidade.

As investigações realizadas, para entender quais as causas dos problemas motores e seus efeitos, são apresentadas por Negrini¹⁴ como uma das origens da psicomotricidade. Baseados na ideia que a evolução da motricidade humana apresenta um padrão universal para todos, que as capacidade e habilidades motrizes poderiam ser avaliadas através de exercícios-testes padronizados e, desta forma, diagnosticar problemas no desenvolvimento motriz e prescrever exercícios, para corrigir as dificuldades apontadas, estes tipos de exercícios foram chamados de psicomotricidade funcional.

A psicomotricidade funcional trabalha as dificuldades identificadas no diagnóstico do indivíduo, através de repetições de exercícios funcionais, como um método direto e assim, proporcionando que certas habilidades motrizes sejam desenvolvidas, não havendo a exteriorização da expressividade motriz. O treino com prescrição de exercícios estereotipados proporciona a aquisição de competências ou habilidades motrizes. Para que as funções motoras sejam melhoradas, estas atividades partem sempre do professor, segundo explica Furini¹⁵.

Trabalhando um método não-diretivo, temos uma abordagem que se sustenta no brincar, como um meio de trabalhar as atividades motrizes, denominada psicomotricidade relacional. As intervenções pedagógicas, proporcionadas pelo método da psicomotricidade relacional, provocam a exteriorização corporal facilitando assim a construção de um vocabulário motor diversificado, sem as amarras que costumam classificar o desenvolvimento da criança de acordo com sua idade cronológica.

Furini¹⁵ esclarece que as finalidades da psicomotricidade relacional baseiam-se em oportunizar experiências corporais múltiplas e variadas, e também, cita as vivências simbólicas e a comunicação como um dos objetivos de uma sessão de psicomotricidade.

Uma aula ou sessão de psicomotricidade relacional, pelo fato de ser permitido o brincar livre, não significa ausência de uma intenção na atividade, partindo da ordem que a aula tem um ritual de entrada, as atividades livres a serem trabalhadas de expressão, construção e comunicação e o ritual de saída. No ritual de entrada, as normas de convivência devem ser estipuladas, e as mesmas devem ser preservadas, durante toda a sessão. É especialmente neste momento, que a criança deve ser provocada a prática do brincar¹⁵.

No segundo momento das atividades, serão trabalhadas as variedades de materiais, diversas texturas de contextos diferentes e disfarces, sendo todo este contexto de suma importância para que a criança possa entrar no seu mundo simbólico. O professor, neste momento da aula, deve ser mediador alternando materiais e espaços, para que assim, não haja saturação durante a sessão. O ritual de saída também tem que seguir certas normas que já devem ser acertadas no ritual de entrada, por exemplo, arrumar o material utilizado. Neste momento da aula, deve-se dar total atenção para que a criança consiga relatar suas brincadeiras de variadas formas, pode ser verbalmente, através de desenhos ou, até mesmo, demonstrando o que queriam representar durante a sua brincadeira¹⁵.

Negrine¹⁴ apresenta esta ordem para as sessões como experiência de seu próprio trabalho, mas não necessariamente como uma “receita de bolo pronto”, que deve ser seguida a risca, dando assim início a um trabalho de interação com a criança, durante todo o processo de ensino/aprendizagem.

Podemos observar inúmeras questões na criança como sua comunicação, linguagem, sua iniciativa, habilidade e dificuldade corporal, utilização do simbolismo e de movimentos técnicos; isto se a criança cumpre as normas pré-estabelecidas, dentre outros fatores.

O método da psicomotricidade relacional prioriza a criação, representação e imaginação do indivíduo através da via corporal. Nos caminhos utilizados para que se alcancem estes objetivos com a criança, utiliza-se experimentações múltiplas e variadas. O psicomotricista deve estimular à vivência simbólica da criança e a comunicação entre ambos.

Utiliza-se, segundo Negrine¹⁴, da via corporal, da ação do brincar como elemento para que a exteriorização corporal seja motivada e provocada de maneira a permitir a diversificação de movimentos, ações e interações.

Santin¹⁶ relata que a neurologia, através de muitas pesquisas, defende que o desenvolvimento do cérebro da criança se dá através das brincadeiras e, também esclarece, que dentro da área pedagógica no processo de ensino/aprendizagem, o lúdico é de suma importância, para que, desta forma, a criança possa garantir a preservação da criatividade e o desenvolvimento do imaginário.

Com ênfase no desenvolvimento psicológico, Santin¹⁶ diz que, através do brincar, a criança consegue entrar na vida do adulto de maneira mais amena sem trauma. Aborda também, que dentro do brincar, percebe-se a importância do ato de simbolizar; o ser humano é o único ser vivo que tem esta capacidade e define o “simbolizar” como o ato de atribuir algo ou alguma coisa da qual ele não faz parte. Este autor cita, como exemplo, a pomba que pode ser o símbolo da paz.

Portanto, o brincar nasce dessa capacidade que o ser humano tem para simbolizar, de atribuir aos objetos utilizados na brincadeira as representações que queremos.

A primeira revelação do ato de brincar parece ser uma denúncia da idéia corrente de que há atividades conhecidas como brincadeiras. Brincar, brinquedo ou brincadeira significam uma dinâmica, uma maneira de pensar e de agir. O brinquedo é uma simbologia, uma linguagem, um modo de ser. Reduzir o brinquedo a um certo tipo de atividades é não entender sua semântica.¹⁶ (p. 19)

Negrine¹⁴ deduz, através dos exemplos de Wallon, que aquilo que a criança ouve e sente em determinado lugar e tempo, ela reproduz no ato de brincar, tornando-se evidente suas ficções. Imersas nas suas atividades lúdicas, a criança transita no ambiente apresentando movimentos técnicos e simbólicos, independente da ordem que estes movimentos aparecem no ato do brincar.

Os movimentos técnicos também podem ser trabalhados numa sessão de psicomotricidade funcional, mas para a criança esta vivência é experimentada, quando transita no mundo simbólico somente no ato do brincar, o qual é proporcionado na sessão de psicomotricidade relacional.

Portanto, nossa discussão está se debruçando sobre as contribuições de Winnicott para a sessão de psicomotricidade relacional, já que esta intervenção se dá através do brincar, no desenvolvimento da motricidade e psiquismo da criança.

Relações estabelecidas entre os estudos de Winnicott e a psicomotricidade relacional

Winnicott^{1,2,3,4}, trata da importância do espaço potencial e do objeto transicional na formação da criança para a superação do bebê separado de sua mãe e também como um fator de suma importância para que o mesmo se reconheça como sujeito. Este espaço potencial e este objeto transicional pode ser proporcionado à criança, através das vivências lúdicas e simbólicas, oportunizando para ela a exteriorização de suas frustrações, pelo afastamento ou separação de sua mãe.

A psicomotricidade relacional tem como proposta proporcionar através de seu método não-diretivo do brincar direcionado; um espaço para que a criança possa expor suas simbolizações e é neste espaço que as teorias de Winnicott^{1,2,3,4} podem contribuir para a formação da criança.

Ao proporcionar à criança, que ela brinque num espaço em que seu mundo simbólico pode ser expresso livremente, usando ou não objetos disponíveis, o psicomotricista facilita o processo de transição da criança, entre o mundo totalmente dependente da mãe para seu próprio mundo.

Vindo ao encontro com estes estudos de Winnicott, a psicomotricidade relacional também deixa clara a importância das vivências simbólicas no mundo da criança, pois só neste espaço

proporcionado para a criação lúdica é que a mesma se posiciona como autor da sua própria história.

A psicomotricidade relacional através do brincar, brincar este muito defendido por Winnicott^{1,2,3,4}, pode proporcionar para a criança, conhecimentos sobre si, sobre os outros e sobre o mundo em que a criança está inserida.

Portanto o psicomotricista, na sua prática, pode usar como base as teorias de Winnicott para a formação da criança, pois a psicomotricidade relacional tem todas as características necessárias para que o espaço potencial seja usufruído pela criança para a construção de suas vivências simbólicas.

Também através dos materiais disponíveis na psicomotricidade relacional, a criança poderá se identificar e transferir suas simbolizações, para que o brinquedo tenha a função que desejar, muitas vezes representando a mãe ou situações de conflito da vida da criança.

E, por fim, todo o espaço do brincar na psicomotricidade relacional, nada mais é que a junção do espaço potencial com o objeto transicional da criança, onde todas as frustrações, conflitos e separação da vida da criança podem ser superados e representados livremente com o espaço proporcionado pela psicomotricidade relacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto, que a teoria de Winnicott sobre o espaço potencial, o objeto transicional e o brincar revelou-se como uma importante fundamentação teórica para o processo de formação da criança, podendo ser usado na psicomotricidade relacional, pois o mesmo usa o brincar direcionado como metodologia de trabalho.

Por ser o brincar o norteador, tanto da teoria de Winnicott, quando da psicomotricidade relacional, os dois enfoques mostraram-se ter uma grande ligação, onde o psicomotricista poderá basear-se nas teorias construídas por Winnicott, através de suas vivências de consultórios, para o aprofundamento de sua prática.

REFERÊNCIAS

1. Winnicott Clare DWW. Uma reflexão. In: Giovacchini Peter L. (org.). Táticas e técnicas psicanalíticas: D.W. Winnicott. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
2. Winnicott Clare DWW. Uma reflexão. In: Winnicott Clare, Shepherd Ray; Davis Madeleine (org.). Explorações psicanalíticas: D.W. Winnicott. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
3. Winnicott DW. A criança e o seu mundo. 6.^a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
4. Winnicott DW. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
5. Grolnick Simon A. Winnicott o trabalho e o brinquedo: uma leitura introdutória. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
6. Rodman FR. A insistência em ser ele próprio. In: Giovacchini PL (Ed.) Táticas e técnicas psicanalíticas: DW Winnicott. Porto Alegre: Artes Médicas p. 27-41, 1995.
7. Outeiral José Ottoni. O autor e a obra. In: Outeiral José Ottoni, Graña Roberto Barberena (et.al.). Donald W. Winnicott: estudos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
8. Mello Filho J de. O ser e o viver: uma visão da obra de Winnicott. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
9. Davis Madeleine, Wallbridge David. Limite e espaço: uma introdução à obra de D.W. Winnicott. Rio de Janeiro: Imago, 1982.
10. Ogden Thomas H. Sobre o espaço potencial. In: Giovacchini Peter L. (org.). Táticas e técnicas psicanalíticas: DW. Winnicott. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

11. Parente SMBA. A criação da externalidade do mundo. Revista Viver mente e cérebro: Coleção memória da psicanálise. Edição nº5 2005.
12. Peleto ML. A concepção do brinquedo na teoria de Winnicott. In: Outeiral José Ottoni, Graña Roberto Barberena (et.al.). Donald W. Winnicott: estudos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
13. Alves Fátima. Psicomotricidade: corpo, ação e emoção. 4^a.ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008.
14. Negrine Airton. O Corpo na Educação Infantil. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.
15. Furini AB. Metodologia da psicomotricidade relacional. In: Furini, Anselmo Barce; Bento Selau (org.). Psicomotricidade relacional e inclusão escolar. 1^a edição. Lajeado: Ed. UNIVATEs, 2010.
16. Santin Silvino. Educação física: da alegria ao lúdico a opressão do rendimento. 3^a edição. Porto Alegre: EST, 1994.

Recebido em Março de 2011

Aceito em Abril de 2011

Publicado em Junho de 2011
